

## O QUE É PRECISO PARA INGRESSAR NO “CÉU”?

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 7 de junho de 2026

Leio a Bíblia. Leio a Bíblia diariamente. Leio livros a respeito da Bíblia. Faço cursos sobre a Bíblia. Portanto, atribuo uma especial importância para as “Escrituras Sagradas” da vertente mais importante do cristianismo, o catolicismo.

Deve ser pontuado que não considero o texto bíblico como a “palavra de Deus”. Deus não ditou a Bíblia. Também não inspirou sua escrita. Trata-se, o livro mais importante do ocidente, de uma rica e complexa compilação de escritos humanos submetidos às influências culturais próprias dos contextos históricos dos seus inúmeros autores. Contém uma grande quantidade de informações relevantes, relatos inspiradores, passagens condenáveis e registros marcantes da vida terrena de Jesus.

A Bíblia demonstra um dos maiores equívocos da humanidade no campo da espiritualidade. O homem criou um Deus customizado aos seus interesses mais mundanos e mesquinhos. Uma das mais tristes versões desse Deus criado pelos homens é o guerreiro ou “varão de guerra” (como diz a letra de uma conhecida música gospel, inspirada em Êxodo 15:3).

O Deus matador também frequenta as escrituras. Dois exemplos bíblicos, entre centenas de outros, podem ser destacados. No Gênesis 38-7, o “Senhor” mata Er e em 38-10, também mata Onã.

Temos um Deus guerreiro ou matador? Que Deus é esse? Seguramente, não é o Deus completamente bom, justo e amoroso. Deus é absoluto em tudo relacionado com o bem. Decididamente, associar Deus a guerras, assassinatos, destruições e toda sorte de maldades está entre as piores obras humanas.

Creio que o mais relevante no texto bíblico são as profundas lições de Jesus, o espírito mais evoluído que o nosso mundo já viu. Aliás, qualquer escrito bíblico, qualquer escrito humano, qualquer circunstância pessoal ou qualquer contexto social deve ser submetido ao filtro generosamente ofertado por Jesus. Tudo aquilo que não passar pelo teste revolucionário e radical do amor deve ser recusado.

Foi justamente sob essa perspectiva que li com cuidado o conhecido diálogo de Jesus, já na cruz, com os ladrões que o ladeavam (o bom e o mau, como se convencionou). Segundo Lucas 23:

“39 Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançava-lhe insultos: ‘Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!’

40 Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: ‘Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença?’

41 Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal’.

42 Então ele disse: ‘Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino’.

43 Jesus lhe respondeu: ‘Eu garanto: Hoje você estará comigo no paraíso’ ”.

Portanto, segundo Jesus, a entrada no “céu” (“Reino de Deus” ou “Paraíso) **não** exige:

- a) ostentar uma religião;
- b) ter sido submetido a algum ritual;
- c) seguir padres, pastores ou qualquer tipo de intermediário;
- d) frequentar templos;
- e) fazer orações;
- f) promover a caridade.

A compreensão mais profunda da palavra de Jesus aponta para:

- a) a vida após a morte no plano terreno;
- b) a manutenção da individualidade depois da morte terrena;
- c) o nível de consciência, revelado pelo estágio de evolução espiritual, como o parâmetro mais importante para definir a vida futura nos diversos planos da existência.

Tomando Jesus como base, considerando o trecho bíblico citado, entre outros, é viável afirmar que não existem requisitos para ingressar no “céu”, assim entendido o mundo espiritual. Todos seguirão para esse plano. Como foi acentuado, o nível de evolução espiritual (ou padrão de vibração energética) definirá as experiências a serem vivenciadas naquele “lugar” e nas vidas materiais subsequentes, quando for o caso.

O diálogo de Jesus com os ladrões “esconde” algo mais radical e revolucionário. A dimensão espiritual da vida não está aprisionada em religiões e seus dogmas, como exercícios limitantes de autoridade, controle e poder. A relação com Deus, com o transcendente, só é viável e palpável na relação com o próximo, com o semelhante.

A resposta de Jesus para o “bom ladrão” é o mais visceral ato de amor a Deus (e ao próximo, como “teste” concreto da presença de Deus). Nas circunstâncias vivenciadas pelos dois (a rigor, três), a esperança (na continuidade da vida) foi a forma de manifestar o amor, a essência e maior força da existência.